

Vigência das contribuições de Celso Furtado ao estruturalismo

Ricardo Bielschowsky

Neste trabalho são apresentadas as três principais contribuições analíticas de Celso Furtado ao estruturalismo: i) o método histórico-estrutural, que incorpora a história brasileira e latinoamericana às formulações estruturalistas; ii) a interpretação de que o subdesenvolvimento na periferia latinoamericana tende a ser preservado por muito tempo, devido à dificuldade de superar o subemprego e a inadequada diversificação da atividade produtiva, e iii) a idéia de que a evolução dos investimentos na periferia está predeterminada pela composição da demanda, que espelha e tende a preservar a concentração de renda e de propriedade. À luz do que ocorreu na América Latina nos últimos vinte e cinco anos, pode-se concluir que a análise de Furtado mantém-se em plena vigência.

Ricardo Bielschowsky

Oficial de Assuntos Econômicos,

Escritório da CEPAL em Brasília

✦ ricardo.bielschowsky@cepal.org

I

Introdução

Neste breve artigo assinalam-se as principais contribuições de Celso Furtado ao estruturalismo, ou seja, à teoria de Raul Prebisch e da CEPAL sobre o desenvolvimento periférico. São aportes analíticos ao debate latinoamericano e brasileiro sobre crescimento e desenvolvimento que tiveram grandes repercussões intelectuais e ideológicas, especialmente no Brasil. O exame das principais tendências nesse país e na América

Latina entre 1980 e 2005, efetuados a partir dessas contribuições, elaboradas há quase meio século, mostra impressionante atualidade. Infelizmente, esta vigência é devida a razões nada animadoras: o crescimento, o emprego e a distribuição de renda nos últimos 25 anos confirmaram o ceticismo de Furtado sobre o desenvolvimento na ausência de projetos nacionais concebidos e implementados em forma adequada.

II

Prebisch e o desenvolvimento econômico sob as condições estruturais da periferia

Para apresentar as contribuições de Furtado é necessário referir-se brevemente à teoria das condições periféricas de desenvolvimento, formulada por Prebisch para a América Latina.¹ Esta necessidade obedece a que Furtado foi um seguidor de Prebisch, que este foi o fundador do estruturalismo latinoamericano e que sua teoria raramente é abordada de forma apropriada na literatura sobre desenvolvimento econômico, já que em geral as referências limitam-se à tese da deterioração dos termos de intercâmbio. Como Octavio Rodriguez (1981) argumentou corretamente em seu livro sobre o pensamento da CEPAL², a teoria de Prebisch constitui todo um corpo analítico voltado à análise do subdesenvolvimento na América Latina.

Segundo essa teoria, as restrições ao crescimento estão determinadas pelas condições específicas da América Latina como periferia do mundo desenvolvido. Prebisch caracteriza as economias da região em contraste

com as economias “centrais”. Argumenta que as diferenças correspondem a condições de crescimento inadequadas na periferia, que impõem restrições ao processo de industrialização e ao progresso técnico e que requerem estratégias de crescimento coordenadas pelo Estado, porque nessas condições, as forças de mercado por si só são incapazes de viabilizar o crescimento.

No quadro I resumem-se os principais elementos da teoria de Prebisch sobre o subdesenvolvimento latinoamericano e seus problemas, que foi adotada por Furtado e pelos demais intelectuais estruturalistas.

Prebisch e a CEPAL basearam-se na identificação desse conjunto de problemas estruturais da periferia para construir sua análise do crescimento, desenvolvimento periférico e das relações centro-periferia, assim como suas teses fundamentais: deterioração dos termos de troca, falta de convergência entre as rendas por habitante do centro e da periferia, desequilíbrio estrutural da balança de pagamentos, vulnerabilidade externa, brecha de poupança de divisas e dinâmica do processo de industrialização da substituição de importações.

Ante condições tão problemáticas, o planejamento e a ação estatal são considerados fundamentais para sustentar a industrialização e o progresso técnico, e para evitar as tendências perversas inerentes a tais condições. Para Prebisch, a principal tendência perversa era o desequilíbrio estrutural da balança de

□ Este trabalho foi apresentado na sessão especial sobre “*Celso Furtado y América Latina y el Caribe. Tendencias y perspectivas*” organizada pela CEPAL na Décima Reunião da *Asociación Económica de América Latina y el Caribe* (LACEA) realizada em Paris, em outubro de 2005. O autor agradece Carlos Mussi e Carlos Aguiar de Medeiros por seus excelentes comentários, e Franklin Serrano pelo valioso diálogo prévio à sua elaboração. A responsabilidade pelas opiniões aqui expressadas é exclusivamente do autor.

¹ Prebisch (1949) e CEPAL (1950 e 1951).

² Veja Rodriguez (1981).

QUADRO 1

América Latina: Síntese da formulação estruturalista original

Características das economias latinoamericanas	Incidência na industrialização e no crescimento
Baixa diversidade produtiva	Necessidade de investimentos simultâneos em muitos setores – processo muito exigente em matéria de poupança, investimento e divisas estrangeiras
Especialização em agricultura e mineração	Limitada capacidade de gerar divisas externas devido à baixa demanda mundial por exportações e à deterioração dos termos de intercâmbio, assim como à forte demanda por divisas gerada pela elevada elasticidade-renda das importações
Dualidade (ou forte heterogeneidade tecnológica) – coexistência de setores com alta produtividade e de setores com abundante ocupação de mão-de-obra a níveis próximos aos de subsistência	Baixa produtividade média e reduzido excedente como proporção da renda
Institucionalidade inadequada e falta de capacidade empresarial	Baixa propensão a poupar e a investir, e insuficiente acumulação de capital e progresso técnico (parte do excedente é desperdiçado em consumo supérfluo e investimentos improdutivos)

Fonte: elaboração própria.

pagamentos; para alguns de seus seguidores, como Noyola Vasquez (1957) e Osvaldo Sunkel (1958), havia também uma tendência estrutural à inflação.

Furtado temia ambas, mas sua principal contribuição analítica veio pelo lado da tendência à preservação do subemprego e da má distribuição de renda.

III

As contribuições de Furtado ao estruturalismo

Furtado fez três importantes contribuições ao corpo analítico estruturalista. Em primeiro lugar, adicionou uma perspectiva histórica de longo prazo (1959 a 1970) e mostrou que durante séculos, em sucessivos períodos de crescimento e retração (no Brasil, os ciclos da cana-de-açúcar, da mineração e do café), ocorreu a produção e a reprodução de dualidades (ou heterogeneidades) econômicas e sociais, além da baixa diversidade produtiva. Sua obra “Formação Econômica do Brasil³” é uma bem sucedida tentativa de identificar os elementos históricos na formação do país que legitimam o uso do estruturalismo e de suas conclusões em matéria de política econômica (Bielschowsky, 1995). O objetivo era mostrar que a economia brasileira tinha as características de baixa

diversidade e dualidade indicadas por Prebisch, de modo que o processo de industrialização da década de 1950 fosse entendido como problemático devido às restrições “histórico-estruturais” ao crescimento que resultavam dessas características, e que a coordenação estatal fosse entendida como indispensável para superá-las.

Em segundo lugar, com o livro “Desenvolvimento e Subdesenvolvimento na América Latina⁴” Furtado iniciou o debate sobre a dificuldade dos setores urbanos modernos para absorver a massiva força de trabalho que se translada do campo às cidades. Provavelmente ele foi o primeiro a levantar a possibilidade da persistência no longo prazo do subemprego na América Latina, ou a persistência em longo prazo

³ Veja Furtado (1959).

⁴ Veja Furtado (1961).

da dualidade analisada por Arthur Lewis (1954). Em consequência, foi também pioneiro ao afirmar que a elevação de produtividade em setores modernos pode por um longo período coexistir com baixos salários e manter a secular má distribuição de renda na América Latina. Furtado alertou que, mesmo com crescimento sustentado seria difícil absorver a oferta abundante de mão-de-obra no contexto das sociedades latinoamericanas, ao apresentar a idéia de que pode haver crescimento durante um longo período e ao mesmo tempo manter o desemprego e o subemprego, a heterogeneidade tecnológica, a concentração de renda e a injustiça social.

De fato, em seus estudos sobre o pensamento econômico brasileiro e sobre o pensamento da CEPAL (Bielschowsky, 1995 e 2000, respectivamente) o autor deste artigo não encontrou argumentações prévias às de Furtado com esse conteúdo, por isso concluindo que foi o próprio Furtado quem inaugurou o debate latinoamericano sobre a relação entre desenvolvimento, determinação de salários e concentração de renda em condições de subemprego rural e urbano.

Em seu livro de 1961, que reúne ensaios escritos na segunda metade dos anos 1950, Furtado provavelmente antecipou algumas das idéias básicas das teorias da dependência discutidas ao longo da década de 1960. Em sua opinião, o padrão de crescimento latinoamericano corresponde a uma das projeções históricas de economias desenvolvidas sobre o resto do mundo, segundo a qual durante a industrialização da periferia as empresas estrangeiras modernas e suas competidoras locais tendem a compartilhar o sistema produtivo com estruturas arcaicas. Isto conduz os sistemas periféricos a uma nova forma de economia “dual”, que depende em grande parte de métodos de produção inadequados à constelação local de recursos e que é incapaz de superar o subdesenvolvimento em uma porção considerável do sistema produtivo.

A terceira grande contribuição de Furtado ao estruturalismo veio alguns anos mais tarde⁵, quando aprofundou a análise das relações entre crescimento e distribuição da renda. Argumentou que a concentração da renda e da propriedade predetermina a composição setorial do investimento e as escolhas tecnológicas,

levando a fração moderna da estrutura produtiva na América Latina a uma densidade de capital similar à dos países desenvolvidos. A tecnologia empregada pode contribuir para manter o pleno emprego e altos salários nestes últimos países, mas na América Latina é inadequada para absorver a oferta abundante de mão-de-obra e elevar salários de forma sistemática. Este padrão de investimento supõe a manutenção do desemprego, dos baixos salários e da concentração da renda, o que, por sua vez, num círculo vicioso, fortalece a inadequada composição dos investimentos. Observe-se que de novo se emprega o método de contrastar a periferia com o centro, desta feita para argumentar que, ao contrário do que ocorre nos países do centro, os padrões de crescimento nos países da periferia tendem a preservar a abundância de mão-de-obra e impedem que as melhorias de produtividade se transmitam aos rendimentos dos trabalhadores.

Cabe, aqui, assinalar duas falhas na análise de Furtado. Em primeiro lugar, em seu livro de 1966 argumentou que no padrão latinoamericano de crescimento e industrialização se observavam rendimentos decrescentes de escala, que resultavam numa tendência à estagnação. Mais tarde foi levado a abandonar essa ideia, à luz de evidências sobre o forte crescimento na região. Em segundo lugar, não considerou a possibilidade de exaurir o excedente de mão-de-obra como resultado do controle de natalidade e de um crescimento rápido dentro do padrão distributivo existente. Contudo, nada disso, pode obscurecer o fato de que ele, mais ou menos simultaneamente com Maria da Conceição Tavares e Aníbal Pinto⁶, inaugurava o debate brasileiro e latinoamericano sobre os padrões de crescimento e de distribuição de renda.

Em resumo, o esquema analítico de Prebisch e Furtado é uma análise histórico-estrutural das persistentes heterogeneidades produtiva e insuficiência na diversificação da estrutura produtiva, e é uma análise das consequências dessas duas características no crescimento, emprego e na distribuição de renda, que devem ser tomadas como referências centrais para formular e instrumentar agendas de reforma e de desenvolvimento.

⁵ Veja Furtado (1966, 1968, 1972 e 2000).

⁶ Veja Tavares (1964) e Pinto (1965).

IV

As contribuições analíticas de Furtado e as tendências econômicas atuais da América Latina

As estatísticas sobre a evolução socioeconômica na grande maioria dos países da América Latina nos últimos 25 anos evidenciam um desempenho medíocre em termos absolutos e em comparação com os 30 anos prévios de expansão orientada pelo Estado: crescimento muito inferior do produto interno bruto (PIB) e da produtividade, taxas de investimento muito menores, maior desemprego e subemprego e índices de concentração de renda que não diminuíram, apesar do aumento dos gastos sociais.

Nada disso surpreendeu Celso Furtado, que sempre se mostrou cético quanto à geração de crescimento e emprego e à redistribuição de renda na América Latina, na ausência de estratégias de crescimento conduzidas pelo Estado. Desde o início dos anos 1980, referiu-se em diferentes ocasiões que a situação era o resultado de reformas inadequadas, falta de novas estratégias desenvolvimentistas e de erros de política no que se refere à dívida, volatilidade de capitais e à globalização.

No entanto, em sua crítica, Furtado foi apenas mais um entre muitos economistas heterodoxos, que seguem a mesma linha de pensamento e acreditam que a persistência nos rumos ditados pelas reformas liberalizantes leva as economias latinoamericanas a permanecerem reféns de um processo de investimento, emprego e crescimento baixos, salários também baixos, pobreza e concentração de renda. Neste breve ensaio não é possível resenhar as interpretações das correntes de pensamento neoliberal e heterodoxo na América Latina, mas sim ressaltar que a contribuição analítica de Prebisch e Furtado foi enriquecedora e valiosa para analisar as tendências atuais.

Para demonstrar este ponto esbarra-se numa limitação: nem Prebisch, que faleceu na década de 1980, nem Furtado, que abordou a questão das tendências apenas em breves artigos, fizeram análises sistemáticas da evolução da economia latinoamericana nos últimos 25 anos. Tentando contornar essa limitação, elaborou-se neste ensaio uma lista de afirmações que ambos poderiam ter feito, e para a qual foi tomada por base a teorização por eles formulada.

Cabe advertir que tais afirmações inspiradas em Prebisch e Furtado não significam que se acredite na possibilidade de voltar às políticas dos anos 1950, 1960 e 1970. Por certo, novas estratégias alternativas às neoliberais têm que ser adaptadas ao novo contexto: as economias encontram-se abertas ao comércio de bens e serviços e as políticas macroeconômicas voltadas ao crescimento estão limitadas pela existência de mercados financeiros “selvagens” e pela influência desestabilizadora de fluxos de capitais voláteis e, em muitos países, por grandes dívidas domésticas e externas. Também, os Estados nacionais dispõem de recursos relativamente mais limitados do que no passado para enfrentar agendas de desenvolvimento. No entanto, nada disso torna o esquema analítico de ambos menos relevantes para a análise das tendências e perspectivas da América Latina e a formulação de novas estratégias de crescimento.

No que se refere a tendências econômicas nos últimos 25 anos, Prebisch ou Furtado poderiam perfeitamente ter feito as seguintes afirmações:

- i) O período foi de relativa estagnação na América Latina. Ocorreram muitas mudanças, algumas positivas —como o fim de inflação e dos desequilíbrios fiscais e a elevação de produtividade em muitos segmentos—, mas o resultado geral econômico e social foi altamente desfavorável. O período correspondeu à fase de retração do ciclo longo de industrialização e reproduziu algumas das principais características das fases recessivas de ciclos prévios (agrícolas e mineiros): diversificação inadequada, heterogeneidade e subemprego, baixos rendimentos do trabalho e concentração da renda.
- ii) Com poucas exceções, na maioria dos países as reformas e a política econômica implementadas contribuíram a uma relativa desindustrialização, e à perda de elos de cadeias produtivas e de complementaridades intersetoriais e intra-setoriais no âmbito industrial. A tendência anterior à diversificação produtiva foi revertida e houve uma desindustrialização prematura

(UNCTAD, 2003), anterior à etapa de formação de setores com uso intensivo de tecnologia e de promoção do ambiente adequado para um sistema de inovações eficaz. Isto enfraqueceu as bases estruturais do crescimento.

- iii) No período aumentou a heterogeneidade de setores, sub-setores e empresas. As empresas de maior porte, nacionais e estrangeiras, dispunham de plantas produtivas na fronteira tecnológica, mas a modernidade se difundiu de forma precária e desigual ao longo do sistema econômico. A evolução da heterogeneidade foi marcante especialmente por meio do aumento da proporção da mão-de-obra empregada em setores de baixa produtividade.
- iv) O subemprego e o desemprego explicam por que, apesar do aumento nos gastos sociais, a distribuição de renda permaneceu rígida. Os ocasionais aumentos de produtividade destinaram-se primordialmente a lucro — e em alguns casos a cobrir os salários de trabalhadores altamente qualificados — e muito pouco à grande massa de trabalhadores com baixa qualificação.

O conjunto de afirmações precedente pode ser sintetizado da seguinte forma: o desempenho medíocre das economias latinoamericanas nos últimos 25 anos foi devido em grande medida à implementação de reformas e políticas equivocadas — tanto em

questões de alocação de recursos como em questões macroeconômicas e financeiras — e à ausência de estratégias nacionais de desenvolvimento. Esse desempenho consolidou uma diversificação produtiva inadequada, a heterogeneidade estrutural, o desemprego e o subemprego, os baixos salários, a pobreza e a concentração de renda, e provocou a persistência de hiatos de divisas, a vulnerabilidade externa e a disparidade de renda por habitante relativamente às economias desenvolvidas.

Também no que se refere à análise das perspectivas é possível elaborar afirmativas relevantes inspiradas em Prebisch e Furtado. Por exemplo, pode-se dizer que até o momento, como em outras retrações ocorridas ao longo de 500 anos de história econômica da região (quando transcorreram longos períodos antes que o crescimento fosse recuperado) não parece haver surgido um novo motor de desenvolvimento. As perguntas relevantes são: trata-se de uma estagnação de longo prazo, que manterá a dualidade, a heterogeneidade, a restrição da balança de pagamentos e a “divergência”? Quais são atualmente as forças que poderiam impulsionar o investimento, o progresso técnico, e o aumento de produtividade nas economias latinoamericanas? Pode-se vislumbrar algum novo padrão de crescimento? Que conexões há entre as estratégias que buscam a prosperidade econômica no futuro, o emprego e a distribuição de renda?

V

Furtado, o estruturalismo e o neoestruturalismo

Acceptar que o conjunto de afirmações precedente é importante para entender as tendências nos últimos 25 anos implica dizer que a abordagem Prebisch-Furtado é relevante e atual.

Entre as melhores interpretações heterodoxas das tendências atuais na América Latina encontram-se algumas boas análises de questões monetárias e financeiras inseridas no neoestruturalismo cepalino⁷

⁷ A expressão foi cunhada depois que os economistas da CEPAL assimilassem a irreversibilidade das reformas liberalizantes, cujas falhas criticaram, e para as quais fizeram recomendações para corrigir o rumo. O documento considerado inaugural da etapa neoestruturalista — *Transformação produtiva com equidade* (CEPAL, 1990) — foi coordenado por Fernando Fajnzylber, quem transmitiu à CEPAL o pensamento que vinha desenvolvendo nos anos anteriores (veja Fajnzylber, 1988).

e correntes afins. Esses textos constituíram um progresso necessário em relação às interpretações estruturalistas iniciais, sobretudo na presente era de incertezas macroeconômicas, volatilidade de capitais e de problemas financeiros⁸.

Nos níveis meso e microeconômicos, a capacidade analítica dos textos dos neoestruturalistas atuais faz justiça aos fundadores dessa corrente. As publicações atuais apontam adequadamente a necessidade de promover infraestrutura e investimentos com uso intensivo de tecnologia, sistemas nacionais de inovação

⁸ Veja, por exemplo, CEPAL (1994 e 2002); Ffrench Davis (1999), e Ocampo, Bajraj e Martin (2001).

e educação, complementaridades setoriais, economias de aglomeração e pequenas e médias empresas.

Contudo, comparando os trabalhos dos neoestruturalistas atuais com os de seus precursores, observa-se que nos atuais são escassas as análises sobre os fatores determinantes do investimento e sobre os modelos de crescimento.

A acumulação de capital foi uma obsessão dos estruturalistas e de Furtado, lamentavelmente negligenciada na atualidade. A análise neoestruturalista do tema é adequada porque relaciona a escassez de investimentos com incertezas macroeconômicas, dentre elas a volatilidade do capital, a instabilidade nas taxas de câmbio e de juros, e a retração e oscilação nos níveis de atividade, mas pouco tem sido dito sobre a relação entre propensão a investir e as reformas (liberalização comercial e privatização) e sobre propensão a investir em geral.

Em um dos poucos estudos sobre o tema, Mognillansky e Bielschowsky (2001) argumentaram que, com a abertura comercial, as firmas domésticas nos setores de bens transáveis passaram a ter menor rentabilidade e maiores incertezas e riscos, que significavam menores incentivos para investir. Do mesmo modo, antes das privatizações as empresas estatais investiam com menos preocupações com a rentabilidade e com menor aversão a riscos e incertezas. Isto leva a pensar que a privatizações reduzem a propensão a investir na economia, ainda que eventualmente possam aumentar a eficiência microeconômica dos investimentos. Há, portanto, razões para crer que a baixa propensão atual a investir pode estar relacionada com as reformas e que o novo contexto requer coordenação público-privada para favorecer a elevação dos investimentos.

Por último, o neoestruturalismo está em dívida com o estruturalismo original quanto a modelos de

crescimento alternativos ao neoliberal, que considerem as condições próprias de cada país da América Latina. Muito se ganharia se houvesse um retorno à tradição de formular projetos de desenvolvimento nacionais seguindo a linha de pensamento de Furtado, ou seja, a de padrão ou modelo de crescimento, que outros — como Aníbal Pinto, Conceição Tavares e José Serra, e Pedro Sainz e Alfredo Calcagno⁹ — por vezes chamaram de “modelos”, “estilos”, ou “modalidades” de crescimento.

A partir de um enfoque histórico-cultural, o padrão de crescimento é a combinação — determinada historicamente e específica para cada país — de uma série de elementos estruturais, responsáveis pela dinâmica do crescimento, do investimento, da produtividade, do emprego e dos salários. Entre esses elementos podem-se destacar os seguintes: i) os principais agentes do investimento (Estado, capital nacional e capital estrangeiro); ii) a equação financeira do investimento (lucros retidos *versus* financiamento local e internacional); iii) a composição da produção e do comércio externo, e as opções tecnológicas; iv) a direção do crescimento (para dentro, para fora, ou em ambos os sentidos); v) a evolução do emprego e subemprego, e vi) a evolução da distribuição da renda e da propriedade.

Se a este conjunto de elementos se adicionam o regime macroeconômico, as relações financeiras com o resto do mundo e a institucionalidade existente em cada país, tem-se uma boa agenda de estudos sobre o que está ocorrendo com cada economia latinoamericana. Este exercício, que seria um excelente ponto de partida para levantar um mapa de semelhanças e diferenças no comportamento dos diversos países da América Latina, pode ajudar a formular projetos de desenvolvimento em cada um deles e a construir uma agenda estratégica ampla e diversificada para a região em geral.

VI

Resumo e conclusão

Este breve artigo apresentou as três principais contribuições analíticas de Celso Furtado ao estruturalismo.

A primeira, base do método histórico-estrutural, foi a adição da história brasileira e latinoamericana às formulações estruturalistas. A segunda foi o conceito de que o subdesenvolvimento na periferia

latinoamericana tende a ser preservado por muito tempo, devido à dificuldade de superar suas duas condições básicas: o subemprego e a inadequada diversificação da atividade produtiva. De acordo com

⁹ Veja Pinto (1976); Tavares e Serra (1972), e Sainz e Calcagno (1992).

Furtado, o subdesenvolvimento não é uma simples fase de transição ao desenvolvimento, mas um fenômeno mais permanente, cuja superação exige uma dedicação política tenaz e prolongada.

A terceira contribuição consistiu na ideia de que a evolução dos investimentos na periferia está predeterminada pela composição da demanda, que espelha concentração de renda e de propriedade. Na América Latina reproduzem-se estruturas de oferta pouco apropriadas à absorção da mão-de-obra abundante, que implica a preservação dos baixos salários e a tendência a que se reforce a má distribuição da renda.

À luz do ocorrido na América Latina nos últimos 25 anos, a análise de Furtado manteve-se, infelizmente, com enorme atualidade. Os dois elementos centrais do subdesenvolvimento — ou seja, a insuficiente diversidade da base produtiva e a dualidade ou heterogeneidade estrutural — não foram superados, e o resultado foi a preservação de baixos salários, a concentração da renda e os elevados níveis de pobreza.

Indubitavelmente, uma agenda inspirada em Celso Furtado para a pesquisa das tendências e perspectivas atuais na América Latina seria ampla e necessária, e confirmaria a vigência e importância de suas contribuições.

Bibliografia

- Bielschowsky, R. (1995): *Pensamento econômico brasileiro. O ciclo ideológico do desenvolvimentismo*, Rio de Janeiro, Contraponto.
- (2000) (org.): *Cinqüenta anos de pensamento na CEPAL: uma resenha*, Rio de Janeiro, Record.
- Brasil (2003): *Plano plurianual 2004-2007*, Brasília, Ministério do Planejamento.
- CEPAL (Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe) (1950): *Estudio económico de América Latina*, 1949 (E/CN.12/164/rev.1), Santiago do Chile.
- (1951): *Estudio económico de América Latina*, 1950 (E/CN.12/217/Rev.1), Santiago do Chile.
- (1990): *Transformación productiva con equidad: la tarea prioritaria del desarrollo de América Latina y el Caribe en los años noventa* (LC/G.1601-P), Santiago do Chile, março.
- (1995): *América Latina y el Caribe: políticas para mejorar la inserción en la economía mundial* (LC/G.1800/Rev.1-P), Santiago do Chile. Publicação das Nações Unidas, N° de venda: S.95.II.G.6.
- (2002): *Globalización y desarrollo* (LC/G.2157(SES.29/3)), Santiago do Chile, abril.
- Fajnzylber, F. (1989): “Industrialización en América Latina: de la “caja negra” al “casillero vacío””, série *Cuadernos de la CEPAL*, N° 60 (LC/G.1534/Rev.1-P), Santiago do Chile. Publicação das Nações Unidas, N° de venda: S.89.II.G.5.
- Ffrench Davis, R. (1999): *Macroeconomía, comercio y finanzas: para reformar las reformas en América Latina*, Santiago do Chile, CEPAL/McGraw-Hill.
- Furtado, C. (1959): *Formação econômica do Brasil*, Rio de Janeiro, Fundo de Cultura.
- (1961): *Desarrollo y subdesarrollo*, Rio de Janeiro, Fundo de Cultura.
- (1966): *Subdesenvolvimento e estagnação da América Latina*, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira.
- (1968): *Um projeto para o Brasil*, Rio de Janeiro, Saga.
- (1972): *Análise do “modelo” brasileiro*, Rio de Janeiro, Fundo de Cultura.
- (1979): *Formação econômica da América Latina*, Rio de Janeiro, Cia Editora Nacional.
- (2000): *Teoria e política do desenvolvimento econômico*, Rio de Janeiro, Paz e Terra.
- Lewis, W. (1954): “Economic development with unlimited supplies of labour”, *Manchester School of Economic and Social Studies*, vol. 22, Manchester, The Manchester School of Economic and Social Studies.
- Moguillansky, G. e R. Bielschowsky (2001): *Inversión y reformas económicas en América Latina*, Santiago do Chile, Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (CEPAL)/Fondo de Cultura Económica.
- Noyola-Vásquez, J. (1957): “Inflación y desarrollo económico en México y Chile”, *Panorama económico*, N° 170, Santiago do Chile, julho.
- Ocampo, J.A., R. Bajraj e J. Martin (coords.) (2001): *Una década de luces y sombras. América Latina y el Caribe en los años noventa*, Bogotá, CEPAL/Alfaomega.
- Pinto, A. (1965): “Concentración del progreso técnico y de sus frutos en el desarrollo de América Latina”, *El trimestre económico*, N° 125, México, D.F., Fondo de Cultura Económica.
- (1970): “Naturaleza e implicaciones de la ‘heterogeneidad estructural’ de la América Latina”, *El trimestre económico*, N° 145, janeiro-março.
- (1976): “Notas sobre los estilos de desarrollo en América Latina”, *Revista de la CEPAL*, N° 1, Santiago do Chile.
- Prebisch, R. (1949): *El desarrollo económico de América Latina y sus principales problemas* (E/CN.12/89), Santiago do Chile, Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (CEPAL).
- Rodriguez, O. (1981): *Teoria do subdesenvolvimento da CEPAL*, Rio de Janeiro, Forense/Universitária.
- Sunkel, O. (1958): “La inflación chilena, un enfoque heterodoxo”, *El trimestre económico*, vol. 25(4), N° 100, México, D.F., Fondo de Cultura Económica, outubro-dezembro.
- Sainz, P. e A. Calcagno (1992): “En busca de otra modalidad de desarrollo”, *Revista de la CEPAL*, N° 48 (LC/G.1748-P), Santiago do Chile, dezembro.
- Tavares, M.C. (1964): “Auge y declinación del proceso de sustitución de importaciones en el Brasil”, *Boletín económico*

de América Latina, vol. 9, Nº 1, Santiago do Chile, Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe, março.

_____ (1979): “Auge e declínio da substituição de importações”, *Da substituição de importações ao capitalismo financeiro*, Rio de Janeiro, Zahar.

Tavares, M.C. e J. Serra (1972): “Além da estagnação”, *Da substituição de importações ao capitalismo financeiro*, Rio de Janeiro, Zahar.

UNCTAD (Conferência das Nações Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento) (2003): *Informe sobre las inversiones en el mundo*, Genebra, Nações Unidas.